

## CORES E CORANTES NATURAIS DE SÃO JOÃO DE CÔRTEZ PARA TINGIMENTO EM TECIDOS

*Colors and natural dyes from São João de Côrtes for dyeing in fabrics*

Nogueira, Cláudia do Rosário Matos; Mestranda; Universidade Federal do Maranhão, claudiamanog@hotmail.com<sup>1</sup>

Santos, Denilson Moreira; Doutor; Universidade Federal do Maranhão, denilson.santos@ufma.br<sup>2</sup>

Zandomeneghi, Ana Lúcia Alexandre de Oliveira; Doutora; Universidade Federal do Maranhão, ana.zandomeneghi@ufma.br<sup>3</sup>

Obregon, Rosane de Fátima Antunes; Doutora; Universidade Federal do Maranhão, antunesobregon@gmail.com<sup>4</sup>

Noronha, Raquel Gomes; Doutora; Universidade Federal do Maranhão, raquelnoronha79@gmail.com<sup>5</sup>

**Resumo:** este artigo tem o propósito de fornecer perspectivas de resgate de saberes tradicionais, com abordagens nas áreas de design territorial, sustentabilidade, valorização de produtos e identidades, direcionadas para a extração e utilização de corantes naturais de São João de Côrtes, no Maranhão. Apresentam-se exemplos de como estes materiais podem ser viáveis para tingimento em tecidos.

**Palavras chave:** Design territorial; sustentabilidade; corantes naturais.

**Abstract:** this article aims to provide perspectives for the recovery of traditional knowledge, with approaches in the areas of territorial design, sustainability, valorization of products and identities, aimed at the extraction and use of natural dyes from São João de Côrtes, Maranhão. Examples of how these materials may be viable for dyeing in fabrics are given.

**Keywords:** Territorial design; sustainability; natural dyes.

<sup>1</sup> Mestrado em andamento - Design, graduação em Desenho Industrial, graduação em Licenciatura Plena – Arte e especialização em Docência do Ensino Superior.

<sup>2</sup> Doutorado em Química, Mestrado em Ciência e Engenharia de Materiais, especialização em Engenharia Clínica.

<sup>3</sup> Pós-doutorado em Engenharia e Gestão do Conhecimento, doutorado em Mídia e Conhecimento, mestrado em Ergonomia e graduação em Psicologia.

<sup>4</sup> Doutorado em Engenharia e Gestão do Conhecimento, mestrado em Engenharia e Gestão do Conhecimento, especialização em Magistério Superior e licenciatura em Pedagogia.

<sup>5</sup> Doutorado em Ciências Sociais, mestrado em Ciências Sociais, especialização em Jornalismo Cultural e graduação em Desenho Industrial.

## Introdução

Borges (2011, p.61) comenta que ‘antigas técnicas de uso de corantes naturais no tingimento de matérias-primas, que haviam sido abandonadas em favor de corantes industriais, passaram a ser recuperadas’. Assim, um dos grandes desafios do design, ao participar deste contexto, é tornar inteligível, desvendável e compreensível os processos e sistemas em nossa volta, especialmente quando se tratam de saberes tradicionais, normalmente transmitidos de geração para geração dentro de uma comunidade (THACKARA, 2008). Desta forma, por meio do design, com foco na sustentabilidade, o presente artigo pretende apresentar uma proposta de estudo sobre o uso de corantes naturais e expor as possibilidades econômicas destes materiais para a comunidade onde estes são produzidos, revisitando conhecimentos tradicionais, especialmente no que diz respeito ao tingimento de tecidos com estes corantes. Seguem os aspectos teórico-metodológicos do estudo, assim como os corantes naturais e as oportunidades para o design sustentável, a valorização de territórios e identidades e informações sobre os corantes naturais extraídos em São João de Côrtes, povoado de Alcântara – MA.

## 1 Aspectos teórico-metodológicos

Ao se abordar exemplos de trabalhos feitos com corantes naturais na Etno Botânica, Osklen e na Mattricaria, abre-se espaço para as reflexões sobre a atuação do design para incrementar as atividades tradicionais de extração, produção e uso de corantes naturais de um povoado de Alcântara. Para maior familiaridade com a temática, recolher fatos da realidade, assim como para aprimorar ideias e gerar intuições, a pesquisa se deu no âmbito exploratório, com entrevistas informais com pessoas diretamente relacionadas aos aspectos estudados, no caso, moradores detentores das técnicas artesanais em São

João de Côrtes, além disso, seguem-se os referenciais sobre design e sustentabilidade, corantes naturais, design territorial e saberes tradicionais.

O artigo apresenta uma abordagem qualitativa de acordo com o estudo de campo etnográfico (seleção de elementos representativos no grupo social a ser investigado); visitas programadas, busca por um modo adequado de interação com a comunidade (entrevistas contextuais, fotos, filmagens); uso de caderneta de campo; inventário de materiais e práticas produtivas e experimentações com corantes naturais em amostras de tecido de algodão. Nas experiências realizadas com a ajuda de moradores da vila, o intuito foi direcionar o conhecimento tradicional sobre a utilização de corantes naturais para novas possibilidades, como o tingimento em tecidos. Usaram-se amostras de tecido de algodão nas dimensões 20 x 20 cm nos testes com os corantes produzidos pelo urucum e pelo mangue vermelho.

Foram feitos testes com tingimento liso e com a técnica de *tie dye*, cujas amostras de tecido são amarradas de várias formas, formando desenhos onde o corante não penetra (RODRIGUES; ARAÚJO, 2013). Além de despertar a criatividade na produção das peças, uma vez que estas se tornam únicas, com desenhos exclusivos, a referida técnica ajuda a disfarçar as possíveis manchas provocadas pelo tingimento.

## 2 Corantes naturais e as oportunidades para o design sustentável

O designer vislumbra produtos e sistemas que atendam a questões simbólicas, funcionais e estéticas, e tem em vista a sustentabilidade em seus projetos. Vale lembrar que produtos sustentáveis não atendem somente a critérios ambientais, mas também a requisitos de âmbito econômico e social. Manzini ressalta que o design possui a habilidade de

Gerar visões de um sistema sociotécnico sustentável; organizá-las num sistema coerente de produtos e serviços regenerativos, as soluções sustentáveis; e comunicar tais visões e sistemas adequadamente para que sejam reconhecidas e avaliadas por um

público suficientemente amplo, capaz de aplica-las efetivamente.  
(MANZINI, 2008, p.28).

Manzini (2008, p. 12) explica que ‘a sustentabilidade deveria ser o meta-objetivo de todas as possíveis pesquisas em design’. Além destas questões, o designer precisa estar atento às possibilidades de produtos oriundos das manifestações simbólicas e materiais de uma comunidade, como é o caso de produção de corantes naturais por lugarejos, muitas vezes esquecidos pela população brasileira em geral, a exemplo da comunidade de São João de Côrtes.

Os corantes naturais sofrem questionamentos sobre sua qualidade, sua durabilidade, porém, entende-se que usuários de produtos naturais têm conhecimentos sobre as características destes e, certamente, os valorizam justamente por suas composições. A utilização de corantes naturais vem sendo investigada com veemência, ‘principalmente depois que se começou a falar em sustentabilidade e nas estratégias para se alcançar as mesmas’. (RODRIGUES, 2013, p. 18). Krucken, Oliveira e Silva (2014) acrescentam, ainda, que precisa ocorrer planejamento de ações unindo capitais social e territorial que proponham ideias de consumo duradouras e sustentáveis, além da preocupação com a saúde, com os possíveis malefícios que os corantes sintéticos podem causar ao ser humano. Neste contexto, Sabrá (2012) chama atenção para os riscos toxicológicos dos produtos sintéticos, que podem estar presentes ao se inalar, tocar ou ingerir estes elementos.

Desta forma, existe um grande interesse atual em se estudar as possibilidades de uso de corantes naturais no Brasil. Nestas perspectivas, existem diversas iniciativas de empresas que trabalham com corantes naturais, como é o caso da grife de moda Osklen (2017), que criou uma linha de produtos diferenciados com tingimento natural (RODRIGUES, 2013); o Atelier Etno Botânica, que lançou no mercado sua marca de tintas naturais com embalagens específicas (ETNO BOTÂNICA, 2016) e da empresa Mattricaria

(2017), que desenvolve produtos com tecidos tingidos com pigmentos e corantes naturais (Figura 1).

Figura 1: a) - Tintas naturais produzidas pela Etno Botânica; b) – Lenço tingido pela Matricaria com corantes naturais; c) – Roupas da Osklen onde vários tons de azul foram conseguidos com corantes naturais.



Fontes: Etno Botânica (2016); <http://www.matricaria.com.br/> (2017); <http://blogs.estadao.com.br/revista/osklen-mostra-seu-verao-avatar-com-tingimento-artesanal/>(2017).

Em um mundo onde os consumidores estão cada vez mais interessados em saber a procedência dos produtos que consomem, ‘a história por trás do produto’, o designer aparece como o profissional que adequa estes artefatos às exigências do mercado (KRUCKEN, 2009, p. 22). Em outras palavras, o trabalho do designer visa o desenvolvimento propício da imagem do produto e do local de origem deste. Assim, a proposta do uso de corantes naturais para tingimento de tecidos foi lançada para a comunidade de São João de Côrtes, onde muitos moradores já conheciam as técnicas da utilização das cores oriundas da natureza, mas agora vislumbram possibilidades adicionais de uso para estes materiais, utilizando ideias que não são novas, entretanto mostram inovação ao que antes era adequado a outras situações.

### 3 Design para valorização de produtos e identidades

Os produtos locais, conforme com Krucken (2009), são resultantes de trabalhos realizados ao longo do tempo, onde estão envolvidos recursos da

biodiversidade, dos costumes e hábitos de uma determinada população. Os aspectos culturais presentes nos produtos determinam a procura por estes, nas suas especificidades, nas suas tradições. Thackara (2008, p.13) complementa o pensamento anterior ao afirmar que ‘estamos retomando a valorização e o respeito pelo que as pessoas são capazes de fazer e a tecnologia não’.

Neste cenário, o designer tem o trabalho de observar, analisar e relacionar os produtos aos territórios onde são produzidos, assim como às práticas sociais destes (Noronha, 2011). Nestas concepções, podem-se aprender diversas lições com o ser humano: sempre houve criação de produtos para seu próprio uso e este é o caso dos corantes naturais utilizados na comunidade de São João de Côrtes, em Alcântara – MA, uma vila de pescadores, de origem indígena, onde existe o conhecimento de produção de temperos, tingimento dos puçás para a pesca e técnicas de pintura das velas e impermeabilização de seus barcos, com produtos retirados da natureza.

#### 4 Os corantes naturais extraídos em São João de Côrtes

São João de Côrtes é uma das localidades mais antigas do município de Alcântara, que está situado em frente à capital do Maranhão, São Luís, do outro lado da Baía de São Marcos. Godoi (2014) relata que a vila era uma antiga aldeia onde os jesuítas se estabeleceram e se tornou uma terra habitada por maioria indígena, mas também por negros escravizados fugidos.

No que se refere a atividades econômicas, a produção de farinha, a pesca e a lavoura, são mantidas pelos habitantes de São João de Côrtes, assim como a carpintaria naval artesanal, como se pode verificar na movimentação constante de barcos e canoas no cais da vila, sejam para uso na pesca, para venda ou para manutenção. Souza Filho e Paula Andrade (2012) acrescentam que esta prática se desenvolveu no século XIX para atender às necessidades de transporte e abastecimento a mercados regionais.

Em cinco de dezembro de 2016, pudemos conversar, de forma contextual, com Zé do Chá (José Feliciano Rosa, 77 anos), um dos mais

requisitados carpinteiros navais de São João de Côrtes, que fabrica canoas e faz reparos em embarcações de modo geral. Quase todos os filhos de Zé do Chá sabem trabalhar na carpintaria naval, porém estes moram e trabalham em São Luís no setor de carpintaria de móveis planejados, atividade mais rentável para os filhos, segundo ele. Durante a conversa Zé do Chá lembrou, com certa saudade, de uma época em que as embarcações eram maiores e tinham suas velas tingidas com corantes naturais. Ele ressaltou que por falta de barcos deste porte, quase não se usam mais estes corantes para este propósito. Souza Filho e Paula Andrade explicam que ‘a abertura de estradas e a circulação por via rodoviária de produtos oriundos da Baixada Maranhense, assim como transformações no meio urbano da capital’ colaboraram para a redução do número de encomendas de barcos grandes (SOUZA FILHO; PAULA ANDRADE, 2012, p. 8-9).

As narrativas feitas em primeiro de novembro de 2016 por Zé Moraes (José de Jesus Moraes, 83 anos), são semelhantes às de Zé do Chá. Ele é aposentado como lavrador, mas se considera carpinteiro. Sobre os jovens, Sr. Zé Moraes revelou a falta de interesse na continuação do trabalho na carpintaria naval. Muitos saem da vila ainda no ensino médio para estudar e trabalhar em Alcântara ou em São Luís devido à falta de atividades remuneradas na vila, fora o trabalho na pesca e na carpintaria. Ele mesmo fala que teve vários filhos, mas apenas um deles o ajuda na execução da carpintaria naval.

Zé Moraes fala do respeito que se deve à retirada dos recursos naturais, para ele ‘a natureza é quem cria e quem dá, por isso, tem o poder de tirar’. Ele comenta que várias pessoas do povoado acreditam que deve haver uma submissão no trato com os encantados, que ‘aparecem nas narrativas como guardiões da natureza’ (SOUZA FILHO; PAULA ANDRADE, 2012, p.10). Assim, ‘tecnologia e natureza têm que andar juntas’, segundo o carpinteiro.

No povoado, certamente, as técnicas de extração e produção dos corantes naturais e a importância da cor nos produtos foram apreendidas com os antepassados indígenas e negros desta comunidade, como especifica Proença (2003, p.195): ‘as cores mais usadas pelos índios para pintar seus

corpos são o vermelho muito vivo do urucum, o negro da tintura do suco do jenipapo e o branco da tabatinga'. O conhecimento de técnicas com corantes naturais é bastante remoto no povoado, a exemplo da plantação de anil para a produção de corante 'azul-violeta', muito apreciado pelos europeus. Assim, 'escravos africanos e índios' eram treinados para o processamento destes materiais, no intuito de exportação (ALMEIDA, 2006, p.77).

Os corantes extraídos no povoado citado são fortemente relacionados às condições da natureza, mas também das manifestações culturais da comunidade. Entretanto, é preciso concordar com Ingold (2013), que as técnicas não são transmitidas de forma passiva, pois as informações passadas por gerações abrem caminho para o conhecimento e este é colocado de modo que cada artesão possa levá-lo adiante com seu próprio contexto, seu saber-fazer, sua história de vida. Assim, não se trata apenas de duplicação, mas das particularidades na repetição em sintonia com os ritmos do ambiente. Os detentores das técnicas sabem exatamente quando e onde retirar os materiais para a obtenção dos corantes naturais.

As imagens a seguir (Figura 2) apresentam a seleção de sementes do urucum e como estas são colocadas em uma vasilha para obtenção de corante laranja para tingimento de uma amostra de tecido. Dona Florência Cantanhede Brito (conhecida como Flor - não revelou sua idade), moradora da vila que nos ajudou nesta experiência feita em 08 de abril de 2017, usa as sementes do urucum para produzir um 'preparado' que usa para temperar comida. Ela se mostrou surpresa ao se deparar com outra possibilidade de utilização destes materiais.

Dona Flor se mostrou receptiva em participar do teste do tingimento de um pedaço de tecido de algodão. Inicialmente, ela retirou as sementes dos frutos plantados em seu próprio quintal e as depositou em um recipiente com água, 'esfregando' as sementes para retirar bem o corante das mesmas. A seguir, Dona Flor mergulhou o tecido na mistura. Após uma espera de aproximadamente 15 min, a participante, retirou o tecido da mistura, enxaguou o mesmo e o pôs para secar à sombra. Resultado: um tom alaranjado.

Figura 2: a) – As sementes do urucum são lavadas com água para a obtenção do corante; b) – Amostra de tecido mergulhada no corante obtido; c) – Após poucos minutos o tecido é então retirado para secar à sombra.



Fonte: imagens da pesquisa realizada pelos autores. Fotografias: Lucilene Pereira.

Outra experiência de tingimento de tecido foi realizada em 08 de abril de 2017 com o auxílio de Sr. Antônio de Jesus Pereira (conhecido como Seu Polícia), de 77 anos. Este experiente lavrador trabalha com a roça e com a pesca. Utiliza os corantes do Murici do Mato e do Mangue Vermelho para tingir suas redes de puçá. Segundo este lavrador, com esta técnica, o puçá fica mais rígido e resistente devido à resina própria destes vegetais, o que facilita a pesca. Ele ficou satisfeito em saber que seus conhecimentos com o tingimento natural também servem para outras práticas e se disponibilizou a testá-los com o corante do mangue vermelho em uma amostra de tecido de algodão. As cascas das raízes do mangue vermelho são retiradas em áreas próximas onde os moradores residem. As cascas do mangue são separadas por Seu Polícia, que as tritura em um pilão próprio para esta atividade localizado em seu quintal. As cascas do mangue trituradas são colocadas em um balde com água para hidratar e, logo após, trituradas novamente. A seguir, as casca são depositadas novamente no balde com água. A amostra de tecido então é mergulhada na mistura e deixada por aproximadamente doze horas. Para o teste, Seu Policia deixou o tecido de molho no corante por algumas horas, mas sua recomendação é que se espere pelo menos três dias. Segundo ele, quanto

mais tempo o tecido ficar mergulhado na mistura, mais escura será a cor resultante. Realmente, após 12 horas, o tecido foi retirado, enxaguado, seco à sombra e o resultado foi um tom rosado (Figura 3).

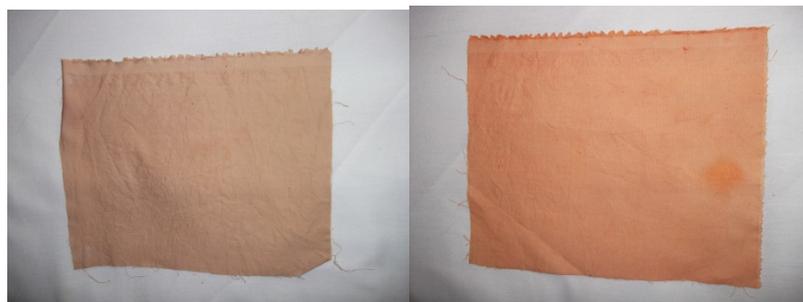
Figura 3: a) – As cascas do manguê vermelho são trituradas em um pilão; b) – Cascas de manguê vermelho são colocadas em um recipiente com água para hidratar. c) – Depois de hidratadas as cascas são trituradas novamente e voltam para o recipiente com água para a obtenção do corante onde será mergulhada a amostra de tecido.



Fonte: imagens da pesquisa realizada pelos autores. Fotografias: Lucilene Pereira.

Conforme as percepções dos participantes e dos pesquisadores, após secas à sombra, a amostra de tecido tingida a frio com o manguê vermelho apresentou um tom de vermelho rosado e a amostra tingida com urucum resultou na cor laranja.

Figura 4: a) – Amostra de tecido tingido com manguê vermelho; b) – Amostra de tecido tingido com urucum.



Fonte: imagens captadas pelos autores

Além de tingimento liso, foram feitos testes com as técnicas de *tie dye*.

A Figura 5 representa os resultados de uma comparação de tingimento a quente, com efeito liso e com o *tie dye* aplicados em amostras 20 x 20 cm de tecido de algodão mergulhadas no mesmo recipiente com corante do manguê vermelho.

Figura 5: a) – Amostra de tecido tingido a quente com manguê vermelho (efeito liso);  
b) – Amostra de tecido tingido a quente com manguê vermelho (efeito *tie dye*).



Fonte: imagens captadas pelos autores

Chataignier (2006) ressalta que as técnicas para tingimento em tecidos são muito antigas, e estas atividades apresentadas de forma artesanal no mundo contemporâneo, normalmente, seguem receitas transmitidas por gerações. Sabe-se que os vegetais revelam-se como excelentes fontes de corantes, onde os tons e semitons obtidos surpreendem a cada experiência realizada. A partir destas informações, dados obtidos de Harri Lorenzi (2014), Etno Botânica (2016) e após diversas conversas informais com moradores da vila, deduziu-se que em São João de Côrtes é possível se obter uma cartela de cores com os seguintes vegetais:

- Anil (*Indigofera Suffruticosa*) – corante azul;
- Açafrão (*Curcuma Long*) – corante amarelo;
- Jenipapo (*Genipa Americana L.*) – corante preto / cinza;
- Murici do mato (*Byrsomina Basiloba*) – corante vermelho / rosa;
- Manguê vermelho (*Rhizophora Mangle*) – corante vermelho/ rosado;
- Urucum (*Bixa Orelana L.*) – corante laranja.

Uma fonte de discussão para os designers: em São João de Côtres, atualmente, acontece o que Canclini (1983) observou quando mencionou as mudanças que por vezes ocorrem com técnicas rudimentares, onde os artesãos mais jovens estão deixando as atividades nos estaleiros para a busca de melhoria de vida em outras possibilidades de trabalhos. Desta forma, as técnicas de extração de corantes naturais que coloriam as velas dos barcos de maior porte estão fadadas a caírem no esquecimento. Então é preciso que ocorra uma política cultural que preserve a tradição deste artesanato e a conservação dos trabalhadores em seu território, mas que esta decisão envolva democraticamente os próprios artesãos.

Diante destas informações, fica claro que o designer pode tornar visível aos usuários que se interessam por produtos com qualidades sustentáveis, a história por trás dos corantes naturais de São João de Côtres. Estas informações podem estar em etiquetas e embalagens, por exemplo. As reflexões anteriores estendem possibilidades para o trabalho do designer, que pode intervir nos esclarecimentos entre conhecimento científico e popular, bem como despertar o interesse das comunidades para atuar de acordo com as demandas de um mercado consumidor ávido por entrar em contato com produtos diferenciados, com características sustentáveis, como se observa no crescente estudo sobre a viabilidade de utilização de tingimento em tecidos com corantes naturais na indústria têxtil de moda e design de interiores (RODRIGUES, 2013). No caso de São João de Côtres, os investimentos na obtenção de conhecimentos podem se voltar para chamar a atenção da comunidade para uma possível forma de renda alternativa, retomando uma atividade tradicional, direcionando a concentração no propósito de responder às questões de valorização dos saberes sobre produção de corantes naturais pelos moradores da vila, dirigindo o olhar para identidades e novas possibilidades do emprego destas técnicas para tingimento de tecidos, com evidentes inspirações nas antigas velas coloridas das embarcações.

### Considerações Finais

O designer participa como transmissor de estratégias para desenvolvimento de produtos e serviços sustentáveis, em um diálogo constante entre tradição e inovação. A prática do Design aliada à Etnografia é relevante ao avaliar e explorar a materialidade de uma região. Sabe-se, no entanto, dos cuidados e critérios a serem considerados em uma pesquisa com comunidades. A presença do pesquisador no campo, de posse de uma carga teórica sobre os assuntos que envolvem as investigações, deve ser fundamentada sobre as abordagens mais adequadas para cada grupo de indivíduos.

Neste artigo, apresentam-se dados a partir de observação das práticas de obtenção das tinturas naturais e deu-se destaque para os saberes tradicionais transmitidos por gerações em São João de Côrtes. As atividades de extração dos materiais da natureza são realizadas por moradores, muitos deles ligados aos trabalhos na lavoura, na pesca e na carpintaria naval artesanal. Relataram-se a forma como acontece a produção dos corantes naturais do local e a importância em se respeitar o ciclo da natureza para a aquisição destes materiais, mostrando que os investigados sentem satisfação em falar sobre as experiências de vida e da habilidade adquirida com os antepassados. Puderam-se obter informações sobre a seleção dos vegetais, o modo como se extraem as matérias-primas (cascas, sementes, folhas, raízes) e como se produzem os corantes. Na ocasião, foram apresentadas para estes habitantes alternativas da utilização das técnicas primitivas de tingimento com corantes naturais, exemplificadas pelo uso em tecidos, sejam eles a serem empregados na moda ou no design de interiores, e estes participantes, em princípio, se mostraram receptivos a esta nova maneira criativa para a utilização dos corantes naturais, vislumbrando um possível retorno financeiro, resgatando conhecimentos tradicionais.

## Referências

ALMEIDA, Alfredo Wagner Berno de. **Os quilombolas e a base de lançamento de foguetes de Alcântara: laudo antropológico**. Brasília: MMA, 2006.

BORGES, Adélia. **Design+ Artesanato: o caminho brasileiro**. São Paulo: Terceiro Nome, 2011.

CANCLINI, Néstor Garcia. **As culturas populares no capitalismo**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1983.

CHATAIGNIER, Gilda. **Fio a fio: tecidos, moda e linguagem**. São Paulo: Estação das Letras Editora, 2006.

ETNO BOTÂNICA. **Tintas vegetais**. Disponível em: <[www.etno-botanica.com/2010/05/eber-lopes-ferreira.html](http://www.etno-botanica.com/2010/05/eber-lopes-ferreira.html)>. Acesso em: 20 jul. 2016.

GODOI, Emília Pietrafesa de. Mobilidades, encantamentos e pertença: o mundo ainda está rogando, porque ainda não acabou. **Revista de Antropologia**. São Paulo, SP, v.57, n. 2, p. 143 – 170, 2014.

INGOLD, Tim. **Making, growing, learning**. In: Educação em Revista, v. 29, n.3, set. 2013.

KRUCKEN, Lia. **Design e território: valorização de identidades e produtos locais**. São Paulo: Studio Nobel, 2009.

KRUCKEN, Lia; OLIVEIRA, Paulo Miranda de; SILVA, Elisângela Batista da. Design e território: estudo de iniciativas de valorização da cultura gastronômica. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE PESQUISA E DESENVOLVIMENTO EM DESIGN, 11º, 2014. Gramado, **Anais...** Gramado, 2014.

LORENZI, Harri. **Árvores brasileiras: manual de identificação e cultivo de plantas arbóreas nativas do Brasil**. v.1. São Paulo: Plantarum, 2014.

MANZINI, E. **Design para a inovação social e sustentabilidade: comunidades criativas, organizações colaborativas e novas redes projetuais**. Rio de Janeiro: E-papers, 2008.

MATTRICARIA. Disponível em: <<http://www.mattricaria.com.br/>>. Acesso em: 19 fev. 2017.

NORONHA, R. G.(Org.). **Identidade é valor**: as cadeias produtivas do artesanato em Alcântara. São Luís: EDUFMA, 2011.

OSKLEN. **Tingimento artesanal**. Disponível em: <<http://blogs.estadao.com.br/revista/osklen-mostra-seu-verao-avatar-com-tingimento-artesanal/>>. Acesso em: 15 jan.2017.

PROENÇA, Graça. **História da arte**. São Paulo: Ática, 2003.

RODRIGUES, J. A. R. **Uso de corantes naturais no tingimento de artigos têxteis de moda**. 2013.128 f. Dissertação (mestrado) – Escola de Artes, Ciências e Humanidades, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2013.

RODRIGUES, J.; ARAÚJO, M. de C. **Corantes naturais amazônicos**: um estudo para a aplicação em produtos têxteis de moda. In: Diálogos & Ciência. São Paulo, 2013.

SABRÁ, Flávio (org.). **Inovação, estudos e pesquisas**: reflexões para o universo têxtil e de confecções. Rio de Janeiro: SENAI/CETIQT. São Paulo: Estação das Letras e Cores, 2012.

SOUZA FILHO, Benedito; PAULA ANDRADE, Maristela de. Patrimônio imaterial de quilombolas: limites da metodologia de inventário e referências culturais. **Horizontes Antropológicos**, v. 18, n.38. Porto Alegre, RS, jul./dez. 2012. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1590/50104-71832012000200004>>. Acesso em: 11 jan. 2017.

THACKARA, J. **Plano B**: o design e as alternativas viáveis em um mundo complexo. São Paulo: Saraiva, 2008.